

AGENTES MUNICIPAIS DE SAÚDE: INVASÃO DE PRIVACIDADE E HISTÓRIAS DE VIDA. APONTAMENTOS SOBRE RIBEIRÃO DAS NEVES/MG.

Paulo Henrique Lima de Oliveira *

A intimidade das pessoas tem sido posta em questão em diversos trabalhos acadêmicos e na *mídia* especializada. Chegamos ao início do novo século com o pensamento de que somos frequentemente vigiados e invadidos em nossas particularidades. Este pensamento não aparece como novo, mas se concretiza de forma diferenciada com a popularização dos meios de comunicação e o advento das chamadas “novas tecnologias”. A medicina aparentemente não ficou de fora desta discussão que incorpora dois tópicos: intimidade e tecnologia.

A intimidade ganhou mais espaço em algumas regiões do Brasil quando os Centros de Saúde se aproximaram das localidades em que iriam prestar atendimentos médicos e/ou ambulatoriais. Passaram a ser os vizinhos mais próximos das comunidades além da paróquia ou a praça pública, que muitas vezes ilustram a vida de bairro.

A tecnologia aboliu medos, renovou esperanças e concretizou sonhos com o aparecimento de equipamentos mais eficazes na cura de doenças e na melhoria da qualidade de vida dos pacientes. Ressalve-se que em alguns países estas facilidades da medicina não alcançam todas as classes sociais. O Brasil incluí-se nesta triste realidade.

A tecnologia, no entanto, não mudou de forma radical as formas mais antigas de relacionamento entre as pessoas. Recortando o enfoque desta observação para a área de saúde pública, podemos vislumbrar que as Agentes de Saúde além de desenvolverem trabalhos de visitas domiciliares para acompanhamento da saúde das pessoas, são responsáveis por manter a tradição da conversa informal, selecionar as fofocas, guardar segredos, solucionar problemas, fazer aconselhamentos, almoçar com os amigos etc.

Ribeirão das Neves, um município da Região Metropolitana de Belo Horizonte que lida com inúmeros problemas relacionados ao crescimento avassalador do número de moradores em sua área, pode dar um pequeno retrato de como as Agentes de Saúde são peças fundamentais para o entendimento da formação da rede de sociabilidade nos bairros. São estas profissionais (no município em questão 90% são do sexo feminino) que lidam diariamente com expectativas, frustrações, desejos e ansiedades do que se convencionou chamar “periferia expandida de Belo Horizonte”. A invasão de privacidade faz parte do

* Doutorando em Geografia – Universidade Federal de Uberlândia/Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mail: limol@hotmail.com

trabalho destas pessoas, que além de lidar com os aspectos da individualidade alheia, lidam com “o outro lado da moeda” e tem também a sua intimidade exposta. Algumas vezes este descortinamento da individualidade aparece de forma constrangida. São vítimas de assédios, ameaças, impedidas de circular em alguns pontos e “forçadas” a estarem prontas a prestar assistência à comunidade em momentos em que estão fora do horário de trabalho e é impossível dizer não.

Algumas explicações justificam esta intimidade da comunidade com as Agentes de Saúde de Ribeirão das Neves. Uma delas é que não há conhecimento da população local sobre quais são as atividades das Agentes de Saúde. Elas são vistas muitas vezes como uma profissional de menor valor na hierarquia de um Centro de Saúde ou uma “Maria faz tudo”. Outra explicação resume-se ao fato da proximidade da residência destas profissionais às residências das pessoas por elas atendidas. Por último, o espaço físico do Centro de saúde pode aparecer como algo abstrato, sem funcionalidade e sem profissionais dispostos a prestarem serviços aonde ele está localizado. Resta a presença das Agentes de Saúde para manter viva a esperança de que um dia a saúde pública no Brasil seja visto como algo menos distante da realidade. A intimidade entre as pessoas poderia fomentar esta discussão.